

## **O PAPEL DA TRADUÇÃO NO ENSINO DE INGLÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA**

Bianca Machado Quintino DAMACENA

Universidade de Brasília

**Resumo:** Desde os tempos do Método Gramática e Tradução (MGT), a utilização da tradução como ferramenta de ensino tem sido rejeitada com a justificativa de que a interferência da Língua Materna prejudicaria o aprendizado da LE. Com essa máxima, o MGT caiu em desuso e foram criados vários métodos que pregavam uso intensivo da Língua Estrangeira, alguns usados até hoje. Ainda assim, estudiosos da área têm feito tentativas de utilização da tradução no sentido de incorporá-la aos principais métodos de Ensino de Língua Estrangeira sem que para isso seja necessário substituí-los ou, ainda, voltar ao que era o MGT. Concluiu-se, dentre outras coisas, que o problema com a interferência da língua-mãe não é a tradução em si, mas sim a forma como essa ferramenta é utilizada dentro da sala de aula. Tendo em vista a problemática mencionada anteriormente, a presente comunicação pretende esclarecer qual seria o verdadeiro papel da tradução no Ensino de Língua Estrangeira, em especial a Língua Inglesa.

**Palavras-chave:** tradução – ensino – Língua Estrangeira – Língua Inglesa

### **1 INTRODUÇÃO**

Quando o ensino de línguas ganhou espaço em um mundo que começava a ser globalizado, pesquisadores começaram muitos estudos acerca de qual seria a melhor forma de ensinar. O Método Gramática e Tradução foi o primeiro a ser utilizado. Porém, devido a várias falhas entre elas a da falta de

autenticidade, os outros métodos que o seguiram passaram a rejeitar o uso da tradução alegando que a interferência da língua materna era sempre negativa.

Desde então, o uso da tradução quando se ensina qualquer língua estrangeira é quase sempre visto como algo errado. Desde a criação das ciências linguísticas, que criticam veementemente o Método Gramática e Tradução, teóricos dizem que o uso da tradução não é pedagógico nem comunicativo. Até mesmo adeptos da Abordagem Comunicativa, que abre um pequeno espaço para a tradução, agem de forma preconceituosa quando surge a possibilidade de uso da língua materna para ajudar no aprendizado da outra língua.

Embora seja difícil argumentar contra aqueles que acreditam que a tradução não seja uma ferramenta valiosa a ser usada no ensino de uma língua estrangeira, pesquisadores de todo o mundo tem feito vários estudos que mostram o quanto o uso da tradução pode ser vantajoso.

Para a construção desse artigo, foi necessária uma breve análise dos métodos utilizados a partir do século XIX até os dias de hoje. Além disso, foi feita uma análise sobre o que a teoria da tradução diz a respeito do uso da tradução nas aulas de língua estrangeira. Por fim, foi feita uma exposição das vantagens do uso da tradução e das diferentes modalidades que podem ser usadas.

## **2 OS MÉTODOS MODERNOS DE ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E A TRADUÇÃO**

Desde o século XIX, a humanidade tem criado várias formas de ensinar uma língua estrangeira. A primeira de todas lidou com traduções. No Método Gramática e Tradução, os estudantes tinham que traduzir qualquer tipo de texto (literário ou não) e o foco da aula estava nas regras gramaticais e na memorização de vocabulário. O MGT relacionou e subordinou a tradução à gramática, e não mais a texto, cultura e literatura. Assim, fez com que a tradução se tornasse uma “atividade seca, estéril e divorciada do mundo real da linguagem.” (Ridd, 2000)

Esse método durou por muitos anos e até os dias de hoje há escolas que usam esse método para ensinar uma língua estrangeira. O MGT é fortemente criticado devido a sua artificialidade. De acordo com H. Douglas Brown, “ele [o Método Gramática e Tradução] faz praticamente nada para aumentar a habilidade comunicativa dos estudantes” (BROWN, Douglas, 2007).

Depois do Método Gramática e Tradução, estudiosos criaram métodos que não usavam a tradução como ferramenta. Na verdade, falar a Língua Mãe (L1) dentro da sala de aula era proibido. O Método Direto enfatizou as habilidades oral e auditiva defendendo que para dominar as outras habilidades, o estudante deveria estar completamente em contato com a segunda língua. Dessa forma, desde os primeiros níveis, preferiam-se professores nativos, a tradução era proibida e qualquer influência da língua materna era considerada negativa.

Nos anos 1950, o Método Audiolingual entrou em cena como uma nova forma de ensinar uma língua estrangeira. Havia o cenário da guerra onde os países envolvidos precisavam de muitas pessoas falando o máximo de línguas o possível para ter professores, tradutores e intérpretes. Era baseado no estruturalismo de Bloomfield e no behaviorismo de Skinner e usava a repetição de sentenças (drills) visando ao automatismo do aprendiz. Esse método também não trabalhava com a tradução porque seus projetores acreditavam que a interferência da L1 poderia ser negativa. Eles defendiam que, mesmo que através da repetição, o estudante deveria falar somente a língua alvo porque assim estaria sendo condicionado a internalizar a língua a ser aprendida.

O último, e mais usado, método para ensino de língua estrangeira é a Abordagem Comunicativa que tem foco na comunicação, integrando as quatro habilidades (áudio, fala, leitura e escrita) de forma que elas sejam aprendidas quase que ao mesmo tempo. A tradução tem um pouco mais de espaço nesse método, porém, a sua má fama desde o MGT faz com que a maioria dos professores veja com maus olhos o uso dessa ferramenta.

Como pode ser visto, com exceção do MGT, os outros métodos mencionados tentaram formas de ensinar a língua estrangeira sem utilização da tradução. No entanto, a seguinte situação é muito comum: enquanto o professor se esforça para manter L1 e L2 separadas em ambientes diferentes, os estudantes continuam fazendo suas tentativas de compreensão seja através dos dicionários bilíngues, seja através da tradução de um colega, sem falar na dita tradução involuntária que acontece inconscientemente na mente dos estudantes, mesmo que os professores apontem como regra número 1 ‘pensar na língua estrangeira’. Rachel Lourenço (2007), citada por Mark Ridd (2007), mostra que até mesmo com estudantes em estágio avançadíssimo de aprendizagem, os mecanismos de tradução mental são observáveis na redação em LE, apesar de eles não os perceberem. Nas palavras de Mark Ridd no I Encontro Internacional e Nacional 5ª Habilidade Tradução e Ensino “Tradução: uma ponte para o ensino”, na Universidade Federal do Espírito Santo, em 19 de outubro de 2007

O grande engano dos lingüistas aplicados foi acreditar que fosse possível suprimir a tradução involuntária vedando o uso da Língua Materna e a prática da tradução consciente em sala de aula. Apesar de todas as proibições e das injunções para “pensar na língua estrangeira”, a tradução involuntária resiste na surdina e ao arrepio da vontade cordata do aluno. (RIDD, 2007)

Dessa forma, é interessante repensar o uso da tradução em sala de aula de forma a facilitar o aprendizado da língua estrangeira. Para Pegenaut

A tradução é um leque de possibilidades didáticas que ensina a traduzir, ajuda no aperfeiçoamento do idioma estrangeiro e do materno, auxilia na formação intelectual e ajuda na melhora da leitura, já que exige dos alunos uma leitura atenta. (Pegenaut, 1996)<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Tradução minha.

Vários estudos provaram que o uso da tradução como ferramenta para o ensino de línguas oferece vantagens. No entanto, é importante mencionar que ensinar a tradução é muito diferente de ensinar uma língua estrangeira utilizando-se da tradução como ferramenta. A ênfase aqui não está nas competências que um tradutor profissional precisa ter para realizar suas funções, mas nas vantagens que a tradução pode oferecer quando se trata do ensino de uma língua estrangeira.

### **3 USO DA TRADUÇÃO NO ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA**

Desde sempre o uso da tradução no ensino de língua estrangeira é visto como algo ruim para o aprendizado da outra língua. De acordo com Joaquin García-Medall, em seu artigo 'La Traducción en la Enseñanza de lenguas', isso se dá porque

a tradução é uma atividade que pratica apenas duas habilidades, leitura e escrita; [a tradução] não é uma atividade comunicativa porque não há interação oral; ela não se encaixa como uma atividade de sala de aula já que supõe-se que os alunos tenham que criar seus próprios textos; a tradução tem sido praticada de forma sistemática, causal e não planejada além de estar associada a textos literários e científicos, não propícios para as necessidades comunicativas dos estudantes (GARCIA-MEDALL, Joaquin, 2001).<sup>2</sup>

Entretanto, estudos recentes provaram que a tradução pode ser uma atividade muito valiosa em aulas de idiomas e, também, pode beneficiar aos estudantes. Esses estudos mostram que a tradução exige ponderação sobre significado e forma ao mesmo tempo; ela faz com que os estudantes escrevam melhor nas duas línguas, além de fornecer uma ótima prática em leitura e escrita; ela pode ser usada em todos os níveis e muitas outras vantagens que tem a ver com a forma como a tradução é utilizada. Quando o MGT veio à cena

---

<sup>2</sup> Tradução minha.

estava tão focado na estrutura da língua que se esqueceu do significado dela. Dessa forma, não foi a tradução em si o erro do método, mas sim a forma como ela era usada em sala de aula.

Há várias formas de usar a tradução alcançando os propósitos da comunicação e ensinando a língua estrangeira, mas, o professor deve estar atento a qual será a melhor forma de obter uma atividade significativa na sua sala de aula. Além disso, a tradução não é apenas uma atividade de leitura e escrita. Ela pode, de fato, integrar as quatro habilidades, através da leitura, tradução / escrita / rascunho, edição, reedição e entre todos esses passos pode haver negociação oral do significado entre professor-aluno e aluno-aluno. Jonathan Stoddart diz, em seu artigo 'Ensinando através da tradução', que

Ela [tradução] beneficia especialmente a aula e pode ser feita de tal forma que fica altamente prática, focada no aprendiz e baseada no processo. Parece-me que a tradução pode ser uma forma muito eficaz de chamar a atenção dos estudantes para as características linguística, semântica e pragmática da língua alvo. (STODDART, J. 2000).<sup>3</sup>

Além disso, não importa o quanto os professores tentem separar ambas as línguas, os estudantes vão continuar a procurar por uma tradução para entender o que foi dito. De acordo com J. Hammer (citado em KAVALLIAUSKENÈ, Galina, 2009) isso acontece porque “a atividade exige a L1 quando os estudantes são linguisticamente incapazes de ativar o vocabulário específico para uma dada tarefa.”

#### **4 MODALIDADES DE TRADUÇÃO PARA ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA**

Há dois tipos de tradução que podem ser utilizados na sala de aula de língua estrangeira: a tradução interiorizada (involuntária) e a tradução

---

<sup>3</sup> Tradução minha.

pedagógica, que por sua vez se divide em tradução explicativa e exercícios de tradução.

A tradução interiorizada ou involuntária acontece inconscientemente e se diferencia das outras, as chamadas conscientes, porque “não [está] sujeita ao controle do monitor, só podendo ser observada indiretamente” (Krashen, 1982 citado por Mark Ridd, 2007). Trata-se de um tipo de tradução feita por todo aprendiz de Língua Estrangeira e não pode ser evitada já que nos estágios iniciais qualquer aprendiz se apegua à sua Língua Materna. Dessa forma, o professor deve ajudar ao aluno a traduzir significados e não palavras, ou seja, o professor deve ajudá-lo a ser formado para interpretar mais que para traduzir enunciados.

Essa é uma etapa importante no aprendizado porque, de acordo com Heloísa Brito de Mello (2004), citada por Mark Ridd (2007) “a tradução involuntária e o recurso à LM servem de andaimes (*scaffolding*) na construção mental da LE”.

A tradução pedagógica, por sua vez, é aquela utilizada em sala de aula através de exercícios escolares, explicações, entre outros, visando à aquisição da língua estrangeira. Ela difere da tradução profissional pelas finalidades, condições e processos de execução. Além disso, ela se divide em duas formas de aplicação: a tradução explicativa e a resolução de exercícios de tradução.

A tradução explicativa é pontual e realizada majoritariamente pelo professor que fornece a tradução de uma palavra, expressão ou frase a fim de economizar tempo na explicação de algo complicado. Nas palavras de Mark Ridd

a modalidade explicativa diz respeito à tradução realizada primordialmente pelo professor (mas também por alunos quando percebem que o colega não pescou a explicação em LE ou a tétrica tentativa de mímica do professor) para fazer entender uma palavra ou frase. Trata-se de uma espécie de *code switching* ou recurso pontual à LM. Nesta modalidade, o aluno não desempenha nenhum papel ativo e há pouca aprendizagem efetiva do que se facilitou para ganhar tempo ou facilitar a compreensão. (RIDD, 2007)

Essa modalidade de tradução deve ser feita esporadicamente e, para que não seja somente um recurso que facilita a vida do professor, é sempre importante que se construa um contexto e nunca sejam usadas palavras ou frases isoladas. É um recurso importante quando é preciso explicar falsos amigos, ambigüidades, instruções e enunciados.

Já os chamados exercícios de tradução contribuem para uma aprendizagem consciente da LE, eles permitem a ampliação do léxico dos estudantes e promovem uma visão mais equilibrada e crítica da cultura da LE, evitando as “rotulações” em relação à cultura estrangeira. Podem ser compostos por exemplos de tradução direta ou inversa, em exercícios de tradução oral ou escrita.

Não importa qual seja a escolha do professor, o importante é que se encerre o preconceito contra o uso da tradução no ensino de língua estrangeira porque os estudos feitos já provaram que ela pode ser uma valiosa ferramenta de ensino quando usada com cautela e sempre em busca da competência comunicativa.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É importante que os professores de Língua Estrangeira e os teóricos da Linguística Aplicada repensem a tradução como uma estratégia importante para ajudar o aprendizado da outra língua, seja aplicando exercícios de tradução, seja se apoiando na chamada tradução involuntária, mas sempre almejando a competência comunicativa.

Desde o Método Gramática e Tradução, houve um grande esforço para fazer com que a tradução fosse reconhecida como ferramenta de ensino de línguas estrangeiras. Os esforços se deram no sentido de unir os métodos mais usados hoje em dia à tradução, e não a substituição dos mesmos. Infelizmente, esses esforços ainda são rejeitados devido ao pré-conceito que muitos professores têm com relação ao uso da tradução. Além disso, ainda há muito a



ser estudado a fim de se encontrar a perfeição no que tange o ensino de língua estrangeira.

Esses estudos são muito importantes porque eles podem mostrar que o problema com a interferência da língua materna não está na tradução em si, mas na forma como ela é usada em sala de aula. Quando isso acontecer, há uma grande chance de que eles possam fazer com que a atitude dos professores mude: que ela passe de completa negação a uma aceitação relutante, e por fim, que empreguem a tradução da melhor forma possível em suas aulas a fim de ajudar seus aprendizes a dominarem a língua estrangeira.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BROWN, H. Douglas. **Teaching by principles: An Interactive Approach to Language Pedagogy**. Pearson Longman: San Francisco University Press. 3<sup>rd</sup> edition, 2007.

COOK, Guy. **A thing of the future: translation in language teaching**. Journal of Applied Linguistics # 3 The Open University, UK, 2007.

GARCIA-MEDALL, Joaquín. **La Traducción en la Enseñanza de lenguas**. Hermeneus: Revista de Tradução e Interpretação # 3, Universidad de Valladolid, 2001.

KAVALIAUSKIENĖ, Galina. **Role of Mother Tongue in Learning English for Specific Purposes**. English for Specific Purposes World Web-based Journal. Volume 8, 2009. Found in: <http://www.esp-world.info>

KAVALIAUSKIENĖ, Galina, JANULEVIEIENĖ, Violeta. **Promoting the Fifth Skill in Teaching ESP**. English for Specific Purposes World Web-based Journal. Found in: <http://www.esp-world.info>

MUSKAT-TABAKOWSKA, Elzbieta. **The function of Translation in Foreign Language Teaching**. The Jagiellonian University of Cracow.

OLIVEIRA, S. R. de F. **Estratégias de leitura para inglês instrumental**. Brasília: UNB, 1994.

PEGENAUT, L. (1996) **“La traducción como herramienta didáctica”** In: Contextos, nº 27-28, Madrid, p. 107-126.

RIDD, M. D. **Out of exile: a new role for translation in the teaching/learning of foreign languages.** In: SEDYCIAS, J (Org.) Tópicos em lingüística aplicada. Brasília: Editora Plano, 2000.

\_\_\_\_\_. **Tradução? Que tradução? Modalidades de tradução na aula de línguas.** “In”: I Encontro Internacional e Nacional 5ª Habilidade Tradução e Ensino “Tradução: uma ponte para o ensino”; 19 de outubro de 2007; Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória

STODDART, Jonathan. **Teaching Through Translation.** The Journal #11, 2000. Found in: <http://www.pt.britishcouncil.org/journal/j1106js.htm>